

**MISÉRIA DA DIPLOMACIA**  
*A destruição da inteligência no Itamaraty*

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA – UFRR



Reitor:  
Jefferson Fernandes do Nascimento

Vice-Reitor:  
Américo Alves de Lyra Júnior

Pró-Reitora de Ensino e Graduação:  
Lucianne Braga Oliveira Vilarinho

EDITORA DA UFRR

Diretor da EDUFRR:  
Cezário Paulino Bezerra de Queiroz

CONSELHO EDITORIAL

Alexander Sibajev  
Edlauva Oliveira dos Santos  
Cássio Sanguini Sérgio  
Guido Nunes Lopes  
Gustavo Vargas Cohen  
Lourival Novais Neto  
Luís Felipe Paes de Almeida  
Marisa Barbosa Araújo Luna  
Rileuda de Sena Rebouças  
Silvana Túlio Fortes  
Teresa Cristina Evangelista dos Anjos  
Wagner da Silva Dias



Editora da Universidade Federal de Roraima  
Campus do Paricarana – Av . Cap . Ene Garcez, 2413,  
Aeroporto - CEP .: 69.304-000. Boa Vista - RR - Brasil  
Fone: +55.95.3621-3111 e-mail: editoraufrr@gmail.com

A Editora da UFRR é filiada à:



UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA - UFRR



# **MISÉRIA DA DIPLOMACIA**

## ***A destruição da inteligência no Itamaraty***

---

**PAULO ROBERTO DE ALMEIDA**



BOA VISTA/RR  
2019

Editora da Universidade Federal de Roraima

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei n. 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.



NÚCLEO DE PESQUISA SEMIÓTICA DA AMAZÔNIA

## EXPEDIENTE

Revisão:

Carmen Lícia Palazzo

Capa:

Berto Batalha Machado Carvalho  
Elói Martins Senhoras

Projeto Gráfico e

Diagramação:

Berto Batalha Machado Carvalho  
Elói Martins Senhoras

Organizadores da Coleção

Elói Martins Senhoras  
Maurício Zouein

Conselho Editorial

Charles Pennafortte  
Claudete de Castro Silva Vitte  
Elói Martins Senhoras  
Maurício Elias Zouein  
Sandra Gomes  
Sônia Costa Padilha

---

## DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO (CIP)

A 447m ALMEIDA, Paulo Roberto de.

Miséria da diplomacia: a destruição da inteligência no Itamaraty. Boa Vista: Editora da UFRR, 2019, 165 p.

Coleção: Comunicação e Políticas Públicas, v. 42. Elói Martins Senhoras, Maurício Elias Zouein (organizadores).

ISBN: 978-85-8288-201-6 (livro impresso)

ISBN: 978-85-8288-202-3 (livro eletrônico)

1- Brasil. 2 - Diplomacia. 3 – Itamaraty. 4 – Política Externa.

I - Título. II - Almeida, Paulo Roberto de. III - Série

---

CDU – 327(81)

FICHA CATALOGRÁFICA: BIBLIOTECA CENTRAL DA UFRR

A exatidão das informações, conceitos e opiniões são de exclusiva responsabilidade do autor.

## EDITORIAL

O Núcleo de Pesquisa Semiótica da Amazônia (NUPS), da Universidade Federal de Roraima (UFRR), criou a “Coleção Comunicação & Políticas Públicas” com o objetivo de divulgar livros de caráter didático produzidos por pesquisadores da comunidade científica que tenham contribuições nas amplas áreas da comunicação social e das políticas públicas.

O selo “Coleção Comunicação & Políticas Públicas” é voltado para o fomento da produção de trabalhos intelectuais que tenham qualidade e relevância científica e didática para atender aos interesses de ensino, pesquisa e extensão da comunidade acadêmica e da sociedade como um todo.

As publicações incluídas na coleção têm o intuito de trazerem contribuições para o avanço da reflexão e da *praxis*, seja na comunicação social, seja nas políticas públicas, e para a consolidação de uma comunidade científica comprometida com a pluralidade do pensamento e com uma crescente institucionalização dos debates nestas áreas.

Concebida para oferecer um material sem custos aos universitários e ao público interessado, a coleção é editada nos formatos impresso e de livros eletrônicos a fim de propiciar a democratização do conhecimento sobre as relações internacionais *lato sensu* por meio do livre acesso e divulgação das obras.

*Elói Martins Senhoras, Maurício Elias Zouein*  
(Organizadores da Coleção Comunicação & Políticas Públicas)



*Uma cegueira persistente – o sentimento de uma superioridade ilusória – mantém a ideia de que todos os países de grande extensão existentes em nosso planeta devem seguir um desenvolvimento que os levará ao estado dos sistemas ocidentais atuais, teoricamente os melhores, praticamente os mais atrativos; que todos os demais mundos estão apenas impedidos temporariamente – por causa de governantes malvados ou por graves desordens internas, ou por barbárie e incompreensão – de se lançar na via da democracia ocidental, com partidos múltiplos, e de adotar o modo de vida ocidental. E cada país é julgado segundo seu grau de avanço nessa via. Mas, na verdade, esta concepção nasceu da incompreensão pelo Ocidente sobre a essência dos demais mundos, que são abusivamente medidos segundo o padrão ocidental. O cenário real do desenvolvimento em nosso planeta tem pouco a ver com isso.*

**Alexandre Soljenitsyn**, discurso na 327ª. formatura na Universidade de Harvard, junho de 1978.



# SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	Onde está a política externa do Brasil?	13
CAPÍTULO 1	Miséria da diplomacia, ou sistema de contradições filosóficas	23
CAPÍTULO 2	O Ocidente e seus salvadores: um debate de ideias	39
CAPÍTULO 3	O marxismo cultural: um útil espantalho?	57
CAPÍTULO 4	A destruição da inteligência no Itamaraty: dialética da obscuridade	73
CAPÍTULO 5	O globalismo e seus descontentes: notas de um contrarianista	99
CAPÍTULO 6	A revolução cultural na diplomacia brasileira: um exercício demolidor	119
ÚLTIMAS PALAVRAS	Por que sou um contrarianista?	135
SOBRE O AUTOR		145



*Este livro é dedicado a Carmen Lícia Palazzo,  
companheira exemplar de toda uma vida e de todas as nossas  
jornadas, plenas de viagens, de aventuras e de muitas leituras,  
com todo o meu amor...*

*Também a Pedro Paulo e Maira, e aos nossos netos  
queridos, Gabriel, Rafael e Yasmin, que encantam doravante  
nossas jornadas de felicidade, com a promessa de novas  
aventuras, de viagens, de mais leituras, com todo o nosso amor.*

**Paulo Roberto de Almeida**



# **APRESENTAÇÃO**

---



## APRESENTAÇÃO

### Onde está a política externa do Brasil?

Este meu livro pode ser lido na sequência de dois outros anteriores sobre o mesmo tema: a diplomacia brasileira (tenho alguns outros, no meio, não exatamente neste mesmo campo): *Nunca Antes na Diplomacia...: a política externa brasileira em tempos não convencionais* (Curitiba: Appris, 2014; e-book: 2016) e *Contra a corrente: Ensaios contrarianistas sobre as relações internacionais do Brasil, 2014-2018* (Curitiba: Appris, 2019). Com uma peculiaridade, porém: como esse último, este tampouco teria vindo à luz, se não fosse pelo fato singelo, mas que pode ocorrer em carreiras hierarquizadas e disciplinadas como a diplomática, de eu ter sido exonerado, no Carnaval deste ano, do cargo que ocupei no Itamaraty, entre 3 de agosto de 2016 e 4 de março último, como diretor do Instituto de Pesquisas de Relações Internacionais (IPRI) do Itamaraty.

Como revelado na seção conclusiva desta obra, “Por que sou um contrarianista?”, tenho essa característica de manter uma atitude que eu chamo de “ceticismo sadio” desde a minha já longínqua adolescência, quando comecei a contestar aquilo que Gustave Flaubert, no *Dictionnaire des Idées Reçues*, chamava de verdades de senso comum. Sempre fui um contestador das verdades aparentes, até conseguir comprová-las por meio de um estudo mais inquisitivo, de evidências empíricas, de uma pesquisa sobre os seus fundamentos, raízes e derivações. Daí, também, essa outra característica que sempre mantive, desde essa época: o ato de anotar todas as leituras de estudo, de encher cadernos e mais cadernos de notas com resenhas, resumos de palestras, projetos de trabalho e tudo o mais que se apresentasse de intelectualmente interessante ou apetitoso.

Ainda conservo a maior parte desses cadernos – alguns perdidos em viagens, ou esquecidos em livrarias –, nos últimos anos, ou décadas, substituídos por registros eletrônicos em meu computador, que, no entanto, não substituem os dois Moleskines de bolso que sempre carrego

comigo, um médio, para o paletó, outro menor, no bolso da camisa. Praticamente todos os meus livros brotaram dessas notas meticulosamente rabiscadas nesses cadernos ou cadernetas, inclusive a tese de doutoramento, que exigiu vários cadernos – cada um para cada assunto – e muitos outros livros espalhados pela mesa e pelo chão.

Mas, justamente pelo fato de ser um contrarianista, eu posso expressar certas opiniões e argumentos que se chocam com certas verdades de senso comum, ou opiniões de superiores hierárquicos. Pois foi justamente o que ocorreu recentemente, e que motivou a publicação destes dois livros mais recentes. Estava eu tranquilamente trabalhando no IPRI – uma espécie de *think tank* da diplomacia brasileira, mas com pouco *think* e nenhum *tank* –, quando fui surpreendido pela minha exoneração, decidida em pleno Carnaval pelo chanceler do governo Bolsonaro pelo simples motivo que eu resolvi ser contrarianista em relação às ideias de senso comum, mas absolutamente bizarras, que ele vinha expressando desde antes de ser designado – por obra e graça de um guru da Virgínia – para o cargo máximo da diplomacia brasileira.

Eu já esperava ser substituído naquele cargo, por notória incompatibilidade com a política externa que se anunciava desde meados de 2018, mas não esperava que tal ato se efetivasse de maneira tão rápida e tão abrupta. O fato é que essa exoneração me aliviou enormemente: eu me sentiria muito desconfortável em servir uma administração que, tanto quanto a diplomacia do lulopetismo, eu já julgava, antes mesmo do seu início, que seria nefasta do ponto de vista dos bons padrões sempre preservados pelo corpo profissional do Itamaraty. Esse selo de qualidade vem sendo atualmente conspurcado pela intromissão de amadores ou lunáticos, que trouxeram temas e posturas absolutamente desprovidos de sentido para a política externa, como o surrealismo do antiglobalismo, a novidade do anticlimatismo, um estranho anticomercialismo, a luta contra a ideologia de gênero e várias outras bobagens.

Já paralisado desde o início do governo por uma ordem tão estúpida quanto obscurantista – a de não empreender nenhuma atividade no IPRI, até que as “altas chefias” decidissem o que eu poderia ou não fazer, como se eu fosse apenas um executor de ordens superiores –, tive algum tempo, nas semanas anteriores ao Carnaval, para reunir alguns